



O SER OBSOLETO E A COMUNICAÇÃO

*Rudinei Kopp**

*“O homem é uma corda, atada entre o animal e o além-do-homem
– uma corda sobre o abismo.”*

Assim falou Zaratustra

Friedrich Nietzsche

Resumo

A questão evolutiva da humanidade e a relação com os meios técnicos que o homem vem desenvolvendo é motivador de uma série de indagações. Neste artigo é feita uma análise, sob a lente de André Leroi-Gourhan, principalmente, que lança o conceito de objetos tecnológicos como elementos de exteriorização do corpo. Neste contexto, encarar os sistemas de comunicação e a obsolescência do corpo, a partir do enfoque citado, revela como, até nosso fluxo de consciência, pode estar situado fora das fronteiras físicas do ser humano.

Palavras-chave: Evolução, Tecnologia, Exteriorização, Comunicação, Ser humano.

Abstract

The humanity evolutive matter and its relation with the technical resources that man has been developing is a great number of questions motivator. In this article, it is done na analysis under the view of André Leroi-Gourhan, specially, who designs the concept of technological objects as the body externalization element. In this meaning, to face the communication elements and the body out of use becoming process, since the cited focus, reveals as, been our consciouness stream, can be located out of the human being physical borders.

Keywords: Evolution; Technology; Externalization; Communication; Human being.

* Mestrando em Com. Social da FAMECOS/PUC-RS. E-mail: rudinei@viavale.com.br

Existem diversas teorias e hipóteses que tentam dar conta da convivência que o homem achou por bem basear na comunicação. Estudos de variadas linhas incluem entre seus objetos: a sociedade, a existência humana, as necessidades deste animal, a comunicação, enfim, uma série de elementos interessantíssimos, ligados de maneira, às vezes óbvia, às vezes, nem tanto. No entanto, lá estão eles elencados e articulados conjuntamente, uma sinfonia de termos que procura mostrar a evolução do ser humano, a comunicação que nasce como necessidade da criatura, e como a existência da sociedade e do indivíduo devem à brilhante aptidão desenvolvida.

O painel é simplório, fácil de derrubar, mas aceito vulgarmente sem grande alarde. Para que o senso comum não tome conta da discussão, vale a pena fazer o resgate sociológico e filosófico de como o homem se organiza socialmente através dos tempos.

A SOCIEDADE E OS MEIOS TECNOLÓGICOS

De acordo com Guy Rocher, o ser humano experimentou, ou melhor, experimenta duas situações de organização social: a sociedade tradicional e a sociedade tecnológica. Melhor do que entrar no dissecamento destas sociedades, assunto bastante explorado e notório, é bom desenvolver a relação que os atores destes mundos estabelecem com aquilo que determina a alteração de um momento para o outro. Descrever o ponto em que os princípios mais arcaicos deixam de balizar o grupo, para que ele se torne regido pelos ditames dos objetos técnicos mais recentes, por si só, já representa a tomada de uma posição teórica.

Antes de assumir ou negar um posicionamento, deve-se deixar claro, que o termo arcaico está muito mais relacionado a uma questão temporal, do que a carga pejorativa que a palavra costuma carregar. A partir disto, crer que a sociedade caminha inexoravelmente para o progresso, como desejavam cegamente os positivistas, também pode se tornar uma questão para análise.

Retomando, o trecho que fala numa sociedade regida pelo objeto técnico, representa uma linha de pensamento identificada, entre outros, com Marschal McLuhan. Ele deixa bem claro: "Cada produto que molda uma sociedade acaba por transpirar em todos e por todos os seus sentidos" (1971, p. 37). O autor defende que os meios tecnológicos são como meios naturais, e assim como uma sociedade que vive da pesca, habita a beira de um rio, tem padrões sociais de organização que são talhados por essa determinante, assim também será para aquela que tem a televisão e o rádio como meios de informação principal. O meio técnico impõe "tributos fixos".

Haveria uma espécie de *geração espontânea* a partir do meio técnico. A utilização do termo remete a Lamarck, o estudioso que acreditava na vida brotando do lixo. Hipótese que encontrou na *teoria evolucionista* de Darwin e no trabalho de Pasteur sua derrocada.

Isso porém, não quer dizer que McLuhan esteja ultrapassado. Uma comparação (provocação) sempre serve para instigar a curiosidade e despertar as dúvidas.

Seguir por esse caminho de indagações exige que exponha-se um outro fator: o surgimento dos meios técnicos, dos objetos aos quais tanto se faz referência. Para tanto, André Leroi-Gourhan parece ser um autor acertado. Para ele o homem é um ser "apto a estabelecer relações entre situações já experimentadas e situações novas." (1987, p. 17) Essa capacidade está ligada justamente a uma ausência, que a princípio seria trágico para qualquer outro animal: quando nascemos não estamos providos da menor capacidade de vivermos pelos nossos instintos, nosso cérebro é vazio, aberto a todo aprendizado, a todas situações, e principalmente às novas. Diferentemente dos outros animais, como demonstra Leroi-Gourhan, nossa memória não é específica, está além do instinto. No ser humano a reação perante o ambiente se dá através do aprendizado absorvido na etnia, no grupo em que está inserido. Nos outros animais existe a determinante da espécie, o ser está capacitado a reagir conforme seus dispositivos genéticos determinaram.

Leroi-Gourhan situa a contrapartida do instinto não na inteligência, como genericamente se faz, situa-o na linguagem. Isso quer dizer que, enquanto na criatura "selvagem" temos os padrões de organização e comportamento localizados dentro do corpo, no homem, essa espécie de código, está exteriorizado, distanciado da matéria. Isso se torna ainda mais claro quando percebe-se a sobreposição da cultura escrita sobre a oral. O ponto é avançado, mas abre margem para um importante pressuposto de Leroi-Gourhan:

Esse afastamento que se exprime na separação do utensílio relativamente à mão, no da palavra relativamente ao objeto, também se exprime na distanciação que a sociedade assume relativamente ao grupo zoológico. Toda evolução humana concorre para exteriorizar do homem aquilo que no resto do mundo animal, corresponde a adaptação específica. O facto material mais flagrante é, sem dúvida, a "libertação" do utensílio, mas, na realidade, o facto fundamental é a libertação do verbo, essa propriedade única de que o homem dispõe, a possibilidade de situar a sua memória à margem de si próprio, do organismo social. (1987, p. 31)

Para o autor existe sempre a tendência ao afastamento, a distanciação, que o ser humano opera em seu benefício. Quando o homem substitui a mão pelo martelo, ele cria o utensílio e deixa de ser ele próprio a ferramenta. A força muscular substituída pela tração animal, pela água, pelo vento, pelo vapor, pela eletricidade, pela energia nuclear, pela biomassa, são todas elas formas de transferir a força motriz para um espaço exterior ao do corpo. A linguagem assim será também a libertação do verbo. A escrita materializa a memória. Assim por diante, o ser humano deixa de ser o executor para se transformar

naquele que usufrui.

Considerando-se a assertativa de Leroi-Gourhan, não há porque considerar que os meios são extensões do homem, como aponta McLuhan. Cabe fazer uma pergunta aqui: é possível considerar o conceito de um autor "a", mesmo que essa idéia entre em choque com o autor "b", e num segundo momento utilizar propostas sobre o autor "b" para avaliar aquilo que consideramos acertado no autor "a"? Isso quer dizer o quê afinal de contas. Se admitirmos que Leroi-Gourhan é mais convincente quando identifica os utensílios, a linguagem, os meios como elementos de exteriorização do corpo, e não como extensões. Mas para dar conta da análise da sociedade nos apoiarmos no conceito de McLuhan, que fala na sociedade desenhada pelo meio, pelo objeto. A princípio é paradoxal, no entanto isso é possível, nem que o resultado seja justamente revelar o quanto esse jogo é perigoso.

Para dar suporte à questão lançada, fica evidente o quanto Leroi-Gourhan considera determinante a existência de certos objetos no seio da sociedade:

...o carvão tem consequências tão importantes como as que ocorreriam numa linhagem animal com uma brusca transformação do aparelho dentário e digestivo. Dentre as consequências imediatas da libertação da força motriz, o caminho de ferro e a constituição do proletariado operário, possuem uma incidência directa sobre toda a organização da espécie. (1987, p. 51)

Lembremos que essa proliferação dos meios técnicos concorre como determinante para alicerçar uma sociedade tecnológica. Georges Friedmann fala de um meio técnico em substituição ao meio natural, justamente o meio onde encontra-se a sociedade tradicional, a qual Guy-Rocher dedica boa parte de sua obra. De acordo com Friedmann: "O homem é submetido a milhares de solicitações, de excitações, de estimulantes ainda há pouco desconhecidos. E, assim, este conjunto de técnicas cria, instala e adensa cada vez mais à sua volta aquilo a que nós chamaremos o meio técnico." (1988, p. 30)

Quais são essas excitações, estes estímulos aos quais Friedmann se refere? São os objetos novos que cada vez mais fazem parte do dia-a-dia. Na época em que o autor escreveu estes princípios, os automóveis tomavam conta do cenário urbano, as grandes cidades estavam consolidadas, o avião era um meio de transporte corriqueiro nos Estados Unidos e Europa, o rádio e o cinema possuíam larga penetração social, a televisão era encarada como a próxima manifestação de massa em comunicação. Friedmann tinha noção clara de como os meios operavam sobre a sociedade: "Os caminhos lógicos do pensamento, para os contemporâneos de Lutero, não são os mesmos que para os que utilizam o cinema e a televisão." (1988, p. 41)

A compreensão destes fenômenos não é de difícil digestão. Surge então um outro questionamento. O caminho da humanidade rumo a criação de sociedades, seja ela

tradicional ou tecnológica, deriva de que motivo? Por que deixa-se de viver numa sociedade tradicional, vinculada ao meio natural e criam-se novos meios, exploram-se novas possibilidades, e dessa maneira estão criadas todas as condições de surgimento de uma nova sociedade, baseada na tecnologia, no meio técnico, na exteriorização do corpo e da memória.

NECESSIDADE E EVOLUÇÃO

Seria prepotente encontrar uma resposta cabal à pergunta relacionada. Qualquer resposta parece ser sempre uma nova pergunta. Leroi-Gourhan se inquieta diante desse impasse:

Poder-se-á perguntar se não teremos de reconhecer que só a sociedade tira pleno proveito do progresso; o homem individual não passaria já dum organismo obsoleto, tão útil como o cerebelo ou o rinencéfalo, como o pé ou a mão, mas relegado para segundo plano, enquanto infra-estrutura de uma humanidade pela qual "a evolução" se interessaria muito mais do que pelo homem. (1987, p. 52)

De acordo com o exposto a humanidade teria um interesse cego pelo simples fato de pensar estar evoluindo. Caminhando para o seu progresso. Não é necessário dizer que a própria noção de evolução fica comprometida. A não ser que pensemos como McLuhan, não interessa saber se a evolução é para o bem ou para o mal, essa definição segundo ele, é vazia. O próprio conceito de evolução na sociedade subentende superação de estágios, a superação de um momento quase sempre significa a sua destruição, a sua desaparecimento. Assim é a evolução da sociedade tradicional para a tecnológica. Superação dos mitos, dos aspectos mágicos, enfim, daquilo que não representa metáfora com a máquina: a repetição exata.

Poderia se dizer que as sociedades tradicionais estavam calcadas sobre as tradições orais e que a transferência cultural ocorria de uma geração para outra repetindo-se as mesmas histórias fantásticas, o mito. Jack Goody (1986) em *A lógica da escrita e a organização da sociedade* fala da flexibilidade que certas práticas religiosas africanas possuem. As recitações são alteradas de tempos em tempos, não de maneira sistemática, mas de forma aleatória, sendo abertas a influências internas ou externas. A escrita instala um regime fixo e, conforme Goody, o aprendizado é feito de maneira a se decorar aquilo que está escrito. As orações das igrejas letradas são fixadas e exigem a repetição *ipsis-litteris*.

Nota-se que na tradição oral existe o domínio da memória por parte de alguns indivíduos. O conhecimento empírico, a história do grupo, o mito, são transmitidos não por todos a todos. Com o desenvolvimento da linguagem para a sua frase escrita, a

memória se torna exterior. No entanto, seria ingênuo admitir que a escrita tenha servido inicialmente para registrar a cultura, as tradições ou as histórias de um povo. Goody assinala que em diversas sociedades a escrita servirá para registrar estoques, ou seja, seu uso é, em princípio, de caráter econômico, já que a memória humana não seria confiável o suficiente para dar conta dos depósitos que cresciam nos impérios.

A expansão da escrita seria a responsável pelas condições de se criar uma sociedade que progressivamente expandiu suas possibilidades técnicas, criando novos utensílios, exteriorizando a força motriz cada vez mais, tornando sua memória intocável, livre das interpretações e reinterpretações de alguns indivíduos (se podemos chamá-los assim).

Quando fala-se de tradição oral, transmissão cultural, escrita, memória, em suma, que fatores são estes? São formas de expressão, formas de comunicação, transmissão de informação. A pergunta lançada a alguns parágrafos atrás era pretenciosa. Pedia um aprofundamento na questão relacionada ao porquê teríamos “evoluído” de um ponto ao outro. Se andarmos pelo caminho da comunicação como fator decisivo na detonação de novos estágios, então Friedrich Nietzsche nos apresenta um quadro sobre a necessidade humana de comunicar-se, de fazer-se compreendido e parte de algo maior além do próprio corpo; segundo ele o homem:

... tinha necessidade de socorro e de proteção, tinha necessidade do seu semelhante, era obrigado a saber dizer essa necessidade, a saber tornar-se inteligível; e para tudo isso era necessário, em primeiro lugar, que tivesse uma “consciência”, que “soubesse” ele próprio o que lhe faltava, que “soubesse” o que sentia, que “soubesse” o que pensava. (1983, p. 216)

Nietzsche diz ainda que “a consciência só se desenvolveu sob a pressão da necessidade de comunicar” (1983, p. 216). Falar em consciência, neste momento, é importante na medida que sua ligação com o viver em sociedade tem aí sua raiz. Para o autor a existência individual não necessita de consciência, a consciência é um bem do grupo. O ser humano poderia viver solitário sem precisar se dar conta da sua “existência”, mas a partir do momento que se vive em “rebanho”, sabe-se que existem princípios que tornam a vida grupal tolerável e possível, daí resulta a consciência. Tal como a palavra pressupõe a não presença do objeto, a tomada de consciência enquanto indivíduo pressupõe a vida em grupo.

Se for retomado o questionamento de Leroi-Gourhan acerca da “evolução” da humanidade, percebe-se que Nietzsche trabalhou nesta perspectiva, não com a terminologia evolução, mas sob o aspecto utilitário que a vida em grupo induz, a própria consciência como motor da sociedade. Ele alertava sobre a tomada de consciência, de utilidade ao rebanho, como um produto da nossa imaginação, como uma provável estupidez sob a qual pereceríamos algum dia.

A relação com a evolução pela evolução da qual fala Leroi-Gourhan não está explícita, mas pode-se articular consciência e evolução, se tivermos como princípio que eles procuram sempre superar o ser humano, colocam o “bem comum” acima de tudo, mesmo que isso signifique, como foi dito já, a superação de estágios como caminho único da humanidade.

Houve um momento em que o homem teve necessidade de estabelecer elos com seus semelhantes, e dessa forma garantir sua sobrevivência. Sabe-se que alguns grupos de homínidos sucumbiram à evolução das espécies. Alguns, como o Neanderthal possuía força muscular superior aos grupos dos quais derivamos, porém, ele não teria desenvolvido a capacidade de se expressar eficientemente e dessa maneira não garantiu a criação de grupos razoavelmente organizados. Guy-Rocher diz que “as necessidades humanas não estão fixadas nem definitivamente estabelecidas: evoluem com os ciclos econômicos.” (1971, p. 49) É claro que esse período está mais próximo dos dias atuais. Temos hoje necessidades completamente diferentes daquelas que o homem perseguia em tempos mais remotos. Em relação a Guy-Rocher ainda, ele fala da criação de novas necessidades, tais como a televisão e o automóvel, se tornando tão elementares quanto a necessidade de se alimentar, se aquecer ou matar a sede.

É fácil perceber como retornamos facilmente aos meios técnicos. Se a comunicação, inicialmente usa como suporte recursos que os meios naturais ofereciam, assim como os primeiros utensílios, e representavam a exteriorização dos gestos, da luta física, do poder. Tem-se em seguida o registro da memória, e ainda mais adiante a simulação da consciência.

COMUNICAÇÃO E SIMULAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Luís Martino, no seminário *Sociedade e Novas tecnologias*, realizado nos dias 8 a 12 de novembro de 1999, expõe uma série de argumentos, cuja parte da bibliografia utilizada serve de apoio a este texto, onde um dos pontos culminantes surge no momento em que a televisão, tal como outros meios, é considerado também um elemento de exteriorização. Martino destaca este meio como reproduzidor do fluxo da consciência. A televisão determina uma cadência cognitiva. Seguindo a perspectiva de Leroi-Gourhan, teríamos, assim como o martelo e as máquinas tornam a mão obsoleta, o vapor, a eletricidade, a fissão atômica, tornam o músculo da mesma forma “inutilizado”, na mesma lógica teríamos nosso cérebro e nossa consciência relegados a um plano inferior, já que o meio não só desenvolve o aspecto mecânico, mas também o da memória, da temporalidade e do fluxo da consciência. Martino fala de uma sinergia entre o objeto técnico (máquina) e homem (consciência).

Em termos mais contemporâneos, questionar a relação com a informática e seus

tentáculos é um exercício irresistível. A velocidade com que avançam as redes sobre o globo faz supor que temos aí também uma situação nova. Exteriorizamos o quê na rede, nas telas, nos teclados, nas interfaces, nas memórias digitais?

A locomotiva, o cinema, o telégrafo, o automóvel, o avião, a televisão, o controle remoto, os computadores, as TVs por assinatura, a internet, os chats, ICQs, e-mails, criaram e criam novas sociedades dentro das existentes ou criam organizações completamente novas? Existe sempre uma nova cadência de temporalidade. McLuhan diz: “O cinema, pela pura aceleração mecânica, transportou-nos do mundo das seqüências e dos encadeamentos para o mundo das estruturas e das configurações criativas.” (1971, p. 36)

Leroi-Gourhan demonstra preocupação com o ser humano quando se dá conta de como a “evolução” e a exteriorização podem afetar a criatura. No entanto, pode ser uma forma de conformismo e reconhecimento, de como a espécie humana tende a dar passos que nem sempre contribuem com os seres isoladamente. Nesse trecho, é claro o questionamento: “O que talvez se possa recear é que, daqui a mil anos, o homo sapiens, tendo chegado ao termo de sua exteriorização, se venha a sentir embaraçado perante este aparelho osteo-muscular obsoleto, herdado do Paleolítico.” (1971, p. 47)

Nos países mais ricos, parece haver já um desconforto com o corpo fraco e doente. Pesquisas na área da genética querem criar criaturas cada vez mais próximas da perfeição. Mais resistentes e dessa maneira, diferentes daquele herdado do Paleolítico. Já há o “embaraço” com o aparelho obsoleto.

É fácil desviar a atenção num assunto tão fértil de possibilidades. Falava-se do fluxo de consciência e neste quesito não é difícil perceber o quanto os meios assumem esse papel. Não estaremos sendo apocalípticos se assumirmos que boa parte da sensualidade perpassa na televisão. O estímulo sensorial não é feito tanto pelo objeto, mas sim pela imagem, pelo reflexo, que seguidamente repete as aparições na tela. É mais fácil sonhar com a artista da novela do que com a vizinha. A primeira está mais presente temporalmente e principalmente, na consciência.

McLuhan cita Jung com o propósito de dar suporte à teoria de que os meios são extensões do homem. Podemos bem usar a mesma para aplicar ao pressuposto de Leroi-Gourhan, e perceberemos que tal situação tem aplicabilidade para os conceitos, tanto em nível de extensão, como sob o aspecto da exteriorização:

Todo romano era cercado por escravos. O escravo e a sua psicologia inundaram a Itália antiga, e todo Romano se tornou interiormente – e, claro, inconscientemente – um escravo. Vivendo constantemente na atmosfera dos escravos, ele se contaminou de sua psicologia, através do inconsciente. Ninguém consegue evitar essa influência. (Contributions to Analytical Psychology, Londres, 1928) (Jung apud Leroi-Gourhan, 1971, p. 37)

Esta idéia abre uma condição bárbara de estudo para a comunicação. Se na televisão, para exemplificar, está exteriorizado nosso fluxo de consciência; se, conforme McLuhan, interessa saber a natureza dos meios, e julgar o bem, o mal é, nas suas palavras um “estilo narcisístico de alguém que se sente hipnotizado pela amputação e extensão de seu próprio ser numa forma técnica nova” (1971, p. 32) e portanto tem menos ou nenhuma importância, e dessa forma, estudar o meio e a matriz cultural é mais acertado. Outra condição que a maioria dos meios impõe é a padronização. Não há relação “um para um”, há “um para muitos”, especialmente nos meios tradicionais. Fazer relação com a influência que os escravos impuseram inconscientemente à sociedade romana não fica complicado expondo dessa maneira. Os meios tornam-se o alvo mais propício para o estudo da comunicação sob estes ângulos de visão.

Umberto Eco em *Apocalípticos e integrados* faz uma espécie de alerta sobre a maneira como o instrumento está imbricado como determinante cultural e social:

toda modificação dos instrumentos culturais, na história da humanidade, se apresenta como uma profunda colocação em crise do “modelo cultural” precedente; e seu verdadeiro alcance só se manifesta se considerarmos que os novos instrumentos agirão no contexto de uma humanidade profundamente modificada, seja pelas causas que provocaram o aparecimento daqueles instrumentos, seja pelo uso desses mesmos instrumentos. (19__ :34)

Em nenhum momento destacou-se a existência de uma classe dominante, que determina ou procura determinar o pensamento da sociedade. Esse viés de matriz marxista possui forte grupo defensor. Assim como persiste a idéia, em alguns segmentos, de acordo com Eco, daqueles apologistas da multiplicidade dos produtos da indústria como sendo boas, já que oferecem opções variadas e permitem livre acesso (livre mercado) a todo tipo de bem.

É certo que existe uma relação muito complexa, e admitir que a comunicação de grande amplitude é boa ou má, não serve mais como medida de exploração científica do tema. Eco diz que somos um e outro (não, um ou outro), no mesmo dia podemos buscar uma excitação de nível altamente especializado, logo em seguida podemos nos entreter com algo mais superficial. É mais ou menos como dizer que, num instante percorremos a livraria em busca das obras completas de Borges e noutro, assistimos televisão nos horários onde a programação exige o raciocínio mais contemplativo possível.

Exteriorizamos nossos sentidos, nossa necessidade de ir de um lugar para o outro, de cortar a grama, de trabalhar, sempre sob a égide dos meios técnicos. Mesmo que optemos dentro de determinadas categorias, é certo que haverá um fator decorrente do meio que irá impor como agirmos, sem que isso, por outro lado, represente o desaparecimento do ser humano. Enquanto considerarmos “ser” somente como criatura, Leroi-

Gourhan não verá tão cedo o animal desaparecer, no entanto, se “ser” for uma prática, um verbo, um estado de espírito, a resposta é complicada e abre uma nova discussão, e sobre isso os filósofos discursam melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 21-37.
- GOODY, Jack. *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, [s.d]. p. 33-67.
- ROCHER, Guy. *Sociologia Geral 3*. Lisboa: Presença, 1971.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*: seleção de textos Gérard Lebrun. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1983.
- FRIEDMANN, Georges. *O futuro do trabalho humano*. Lisboa: Morais, 1988.
- LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra*. vol. 2. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 11-67.